

# A CONSTRUÇÃO DA CASA PROFESSA DA COMPANHIA DE JESUS EM GOA

Pedro DIAS \*

A Companhia de Jesus foi a ordem religiosa que mais institutos fundou em toda a Ásia, e, particularmente, na Índia, em Goa e Baçaim, onde teve um colégio além de um seminário e três igrejas, em Taná, Chaúl, Bendorá, Cochim, Coulão, só para citar alguns dos importantes colégios, além de cerca de centena e meia de igrejas que vigariava. Em Goa, capital do Estado Português da Índia, assento de Vice-Reis e Governadores, fundou diversas casas, das quais apenas se conservam a Casa Professa do Bom Jesus e a pequenina Capela de São Francisco Xavier que ficava integrada na cerca do Colégio de São Paulo Velho, também conhecido por São Paulo dos Arcos. Deste subsiste o portal axial da igreja privativa, destruída como a maioria das que enobreciam a *Roma do Oriente*.

É a algumas questões relacionadas com a cronologia e o projecto da Casa Professa do Bom Jesus que dedicamos este breve estudo, já que julgamos poder identificar o autor do plano da Casa, bem como alguns dos principais mestres que aí trabalharam, nomeadamente, o autor da frontaria da igreja. Mas vejamos, antes, como decorreu a instalação da Companhia de Jesus na cidade.

Em 1541 o Padre Diogo de Borba e o Padre Miguel Vaz instituíram em Goa a Confraria da Santa Fé, sediada na igreja de Nossa Senhora da Luz, à qual aderiram muitos fidalgos e gente grada, passando, depois, a deter também um colégio, a que foram doadas algumas das rendas dos pagodes que entretanto foram sendo destruídos e desapossados dos bens que tinham nas ilhas vizinhas. Nasceram assim o Colégio de São Paulo dos Arcos e o Seminário da Santa Fé. No dia 10 de Novembro de 1541 deu-se início à sua construção, na rua da Carreira dos Cavalos, sobre as fundações de um templo hindu que tinha sido destruído, sendo a igreja dedicada à Conversão de São Paulo. O culto foi solenemente iniciado a 25 de Janeiro de 1543<sup>1</sup>.

Na armada que levou Martim Afonso de Sousa para a Índia, que largou do Tejo a 7 de Abril, foi o Padre Francisco Xavier - o Apóstolo do Oriente, depois beatificado e canonizado - que teve companheiros de viagem o Padre Paulo Camerte, um italiano, e o Padre Francisco Mansilha, um português. O futuro da Companhia de Jesus no Oriente estava traçado, já que São Francisco Xavier levava consigo quatro *Breves* de Paulo III, datados já de 1540, nos quais o Pontífice o elevava à categoria de seu Núncio e da Sé Apostólica, em todas as terras descobertas ou a descobrir para além do Cabo da Boa Esperança<sup>2</sup>.

O Padre Francisco Xavier escolheu o Hospital Real, também conhecido como Hospital da Misericórdia, para sua residência, mas após a viagem que terminou em em 1544, foi para o Colégio de São Paulo, a pedido do Padre Borba. Morto este em 1548, o Colégio foi formalmente entregue aos jesuítas. Pouco depois, o primitivo edifício foi destruído e em sua substituição construíram-se outros dois, posto que ligados fisicamente, o já referido Seminário da Santa Fé e o Colégio de São Paulo, este destinado apenas a residência dos padres da Companhia de Jesus.

Nada resta do edifício do Colégio de São Paulo Novo ou de São Roque que foi um dos mais formidáveis de quantos se fizeram em Goa. A sua origem remonta a 1578, quando

os jesuítas decidiram comprar uns terrenos que tinham pertencido ao famoso Capitão de Malaca Pêro de Faria, situado junto à igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde desejavam fazer uma residência para convalescentes. Concluído o edifício em 1585, foi transformado em Casa Professa, passando a Noviciado com a invocação de Nossa Senhora da Conceição, quando o Bom Jesus ficou pronto. Em 1610, os responsáveis pela Companhia transferiram os Estudos para o novo edifício, ou uma ala dele, deixando as instalações que tinham em São Paulo dos Arcos.

São Roque tinha enormes dimensões, quatro andares, uma notável biblioteca e também uma tipografia. Expulsos os jesuítas, instalou-se aí o Hospital Real e depois um Regimento, sendo totalmente destruído em 1830 e a pedra utilizada para fazer o novo quartel de Pangim <sup>3</sup>.

O facto de acolher o corpo de São Francisco Xavier poupou a Casa Professa do Bom Jesus de Goa dos atentados e da inevitável destruição que as restantes instalações da Companhia de Jesus conheceram.

O início da construção deste complexo de edifícios remonta ao ano de 1585. O litígio com a Misericórdia e com os padres de São Francisco obrigou a fazer apenas umas casas modestas e a usar como primeira capela uma velha residência de dois padeiros. Os franciscanos tudo fizeram para que a Companhia não ocupasse o lugar que ficava fronteiro ao seu Mosteiro e que, em sua opinião, lhes tiraria a primazia que essa situação representava, e chegaram até a propor ao Rei que aí ficasse um convento de monjas clarissas. A sua intriga foi tal que Filipe II pediu ao Vice-Rei que tomasse pessoalmente conta do caso e que não o incomodassem mais com a questão, pois já estava farto de tanta queixa.

A nova construção ficou a dever-se, fundamentalmente, ao desejo do Visitador, o Padre Alessandro Valignano, que queria valorizar a posição dos jesuítas na Índia e, desde logo, em Goa, aumentando o número de edifícios que aí possuíam, possibilitando um maior número de seguidores. Por razões que ignoramos, talvez pelas verbas envolvidas, também os responsáveis da Companhia, em Roma, se mostraram relutantes em aceder aos desejos do enérgico Visitador que levou a iniciativa por diante.

O Senado de Goa aprovou a transferência da Casa Professa, em 20 de Dezembro de 1585, sendo seguido pelo Arcebispo e pelo Vice-Rei, nos dias subsequentes, abrindo assim o caminho ao início das obras <sup>4</sup>. A 12 de Janeiro de 1586, para lá passaram os primeiros padres da Companhia, mas as obras continuaram, sempre com o propósito de ampliação das instalações que, nesta primeira fase, ficaram praticamente concluídas em 1589 <sup>5</sup>.

Sabemos que o primeiro responsável pelas obras da Casa Professa do Bom Jesus foi o Padre Domingos Fernandes, que partiu de Lisboa para Goa a 24 de Março de 1578, com o grupo que viajou nas naus São Jorge, São Luis e Bom Jesus <sup>6</sup>.

Também Júlio Simão aqui teve responsabilidades. Era natural da Índia e veio à Europa em data que tem de se colocar entre 1590 e 1596, anos em que está documentado em Goa. Do Reino partiu para a Índia, a 10 de Abril de 1596, viajando na armada que levava o novo Vice-Rei D. Francisco da Gama, devendo substituir João Baptista Cairato. O alvará da sua nomeação é de 30 de Março e o seu vencimento de duzentos cruzados por ano. A ele ficaram se a dever algumas das mais importantes obras de fortificação do final do século XVI e do início do século seguinte, e também muito da Sé Catedral de Goa e do Palácio da Inquisição, sabendo-se que ainda estava vivo em 1625. Numa carta escrita a 2 de Dezembro deste ano, o Vice-Rei queixava-se ao Monarca ibérico de que Júlio Simão estava muito velho e que não havia ninguém suficientemente capaz, na Índia, para o substituir, pese

embora que um filho seu se deslocava por ele às obras, mas era ainda muito jovem e inexperiente <sup>7</sup>.

Outro construtor que teve importante acção na construção da Casa Professa foi Giovanni de Manolis, também designado por Ioannes de Manolis, Manoli ou João Manuel. Nasceu na região da Venécia, por volta de 1542, e ingressou na Companhia de Jesus em 1577. Em 1580 já estava em Portugal, donde partiu para a Índia, em 1583, aí morrendo quatro anos volvidos. A sua principal ocupação mecânica era a carpintaria, sobretudo a carpintaria naval - *faber lignarius* - mas era também perito noutras artes manuais, "...*Bonum ingenium ad aliqua artefacta...*", como atestam os documentos coevos <sup>8</sup>. Esta informação é corroborada pelo texto do memorial enviado pelo Padre Martins, em Novembro de 1588, onde diz o seguinte: "...*Como a fabrica da casa professa vai por diante e N. Senhor a vai favorecendo com suas esmolas, por ser esta huma das boas fabricas que tem a companhia e muito bem traçada, e o anno passado nos levou N. Senhor pera ssi hum irmão venezeano, chamado João Manuel, que entendia alguma coisa da fabrica, ao menos bastantemente pera nos fazer fortificar a igreja, se laa houvesse algum Irmão que entendesse de fabrica, parece que faria algum serviço a N. Senhor nisto.*". A resposta foi desoladora para o Padre Martins, pois Cláudio Aquaviva disse que os melhores mestres que a Companhia de Jesus tinha morrido, pelo que ele teria de procurar na Índia um substituto <sup>9</sup>.

Ainda assim, no *Catálogo* dos padres e irmãos da Companhia do ano de 1596, constam três nomes de jesuítas ocupados com estas obras: o irmão coadjutor Luis Castanho, natural de Goa, que tomava conta dos pedreiros e demais trabalhadores: o irmão Francisco Domingues, apelidado como o anterior de "... *homem entendido em obras...*", e Diogo Ferrão que tomava conta da pedreira donde se tiravam os materiais para o Bom Jesus <sup>10</sup>.

A pergunta mais importante é a de quem foi o autor da traça da Casa Professa. O plano geral ficou a dever-se ao próprio Alessandro Valignano, como ele mesmo afirmou. Sabemos que nasceu em Chieti, perto de Nápoles, a 20 de Novembro de 1529, vindo a falecer na cidade do Santo Nome de Deus de Macau, a 20 de Janeiro de 1606. Coursou Direito, em Pádua, e depois de alguns anos de vida atribulada entrou para a Companhia, em 1566, em Roma, pela mão do próprio Francisco de Borja. Foi sacerdote em São João de Latrão, responsável pelo Colégio de Macerata, mas, em 1572, o Padre Mercuriano confiou-lhe o cargo de Visitador das missões jesuíticas do Oriente. A caminho da Ásia, passou por Lisboa, onde conheceu o Rei D. Sebastião e o Cardeal D. Henrique, futuro Rei, e aí se lhe juntou um grupo de quarenta e dois religiosos que o acompanhou até Goa. Ficou quatro anos na Índia, visitando as diversas casas da Companhia, indo depois para Macau, onde ficou dez meses. A seguir, o seu destino foi o Japão, onde já estava em Julho de 1579. Foi ele quem, mais tarde, imaginaria a embaixada dos legados dos daimios japoneses à Corte Portuguesa e a Roma, cuja importância é bem conhecida. Não mais deixou de viajar pela Ásia, estando documentada a sua permanência, mais ou menos longa, novamente em Meaco, Malaca, Macau, Goa, etc.

Senhor de uma sólida formação, habituado a organizar tudo até ao mais ínfimo pormenor, Alessandro Valignano dominava também as artes da construção, pois além da traça do Bom Jesus de Goa foi o responsável por algumas outras edificações. Uma das obras que dirigiu, pelo menos em parte, foi a do Colégio da Companhia de Jesus de Baçaim. Em 1575, estava por acabar um lanço dos quartos de dormir bem como a igreja, considerada tão boa e tão grande como a do Espírito Santo de Évora <sup>11</sup>. Só com a visita de Valignano é que as obras tomaram o rumo definitivo, acrescentando-se mais de dois metros de altura e pedindo o concurso do mestre de fortificação que então aí estava a trabalhar. O templo

ficou então coberto de madeira, nunca vindo a receber abobadamento na nave, tudo por sua iniciativa <sup>12</sup>.

Outra empreitada de que Alessandro Valignano se encarregou pessoalmente foi a do Colégio de Malaca. A construção definitiva foi planeada por ele, quando esteve na cidade, em 1577. Ficara desolado com o estado do Colégio, com a pequenez e modéstia das instalações, pelo que decidiu deitar tudo abaixo e fazer, desde os fundamentos, uma nova igreja e uma nova zona habitacional. Nos oito meses em que esteve em Malaca deu tal aviamento às obras que quando partiu estava quase tudo concluído <sup>13</sup>.

O Padre Valignano deu informações sobre esta residência na carta que escreveu em 1579: o Colégio tinha sido acabado no ano anterior e ficara com um corredor com dez aposentos, além das outras dependências indispensáveis, no qual viviam entre seis a oito padres e funcionava uma escola para meninos. Ao lado, estava a igreja, de pedra e cal, muito formosa e capaz, embora ainda não estivesse acabada, pois faltava metade da sacristia e da torre junto da capela-mor <sup>14</sup>.

Voltemos um pouco atrás, para ver como tudo se passou. Em 25 de Dezembro de 1585, o Provincial da Companhia de Jesus disse ao Geral Padre Acquaviva que a traça, como ele poderia ver, era magnífica e grande, pois como não era coisa que se fizesse num dia, e já que se traçava, seria conveniente que desde logo se fizesse como devia ser, posto que só se acabasse muitos anos depois, pois a Companhia de Jesus haveria de durar para sempre e, a pouco e pouco, a obra se iria fazendo. Bastava, segundo ele, que se construísse um lanço e que uma igreja provisória ficasse a ocupar o lugar das casas então existentes, o que permitiria que os trabalhos continuassem, até ao fim. Acrescentava ainda que a Casa Professa se devia começar pelo claustro ou pátio <sup>15</sup>.

A traça a que o Padre Alessandro Valignano alude conserva-se na Biblioteca Nacional de Paris e é constituída por três plantas de trinta e três centímetros por trinta e seis, quarenta e cinco e quarenta e cinco, respectivamente, com legendas e comentários em castelhano <sup>16</sup>. Em Janeiro de 1586, o Padre Alessandro Valignano escrevia: "...Esta traça yo mismo la hize, empero tomando mucha lus con el ingeniero que Sua M. mandó el ano passado aquí, que es un milanés que sabe mucho, mas, porque él en ninguna manera la pudo hazer por estar ocupado en muchas obras de su officio y no estar de asiento aquí: me valí de una trasa que él me dio de un grande y solene edificio, do lo qual tomado lo que parecia a nuestro propósito, e encurtando y estrechando y mudando lo que me pareció, saqué esta traça..." <sup>17</sup>; o Engenheiro que ele refere era o italiano ao serviço da Coroa Portuguesa João Baptista Cairato. Viajava seguramente com os mais comuns tratados de arquitectura do tempo, quer os gerais, como os de Serlio ou Vignola ou mesmo qualquer edição mais antiga de Vitruvius, quer com outros específicos de fortificação. Havia também já nesse tempo diversos albuns de gravuras representando os mais notáveis edifícios clássicos, do novo ou do antigo classicismo, obras que Alessandro Valignano pode ter consultado ou mesmo que possuía, pois como Visitador tinha de providenciar as obras de restauro, recuperação ou construção desde os fundamentos, dos edifícios da Companhia de Jesus. João Baptista Cairato estava havia muito pouco tempo na Índia, e os livros técnicos da sua bagagem eram seguramente os mais actualizados. Ficou em Goa e nas praças do Oriente até 1596 <sup>18</sup>.

Os responsáveis pela Companhia de Jesus controlavam habitualmente as grandes empresas nas missões, mandando as plantas e os desenhos para as obras. Isto também aconteceu em relação ao Bom Jesus, mas a planta enviada de Roma não foi seguida. Valignano informou o Geral Cláudio Acquaviva, a 20 de Novembro de 1587, que recebera e vira a planta que ele lhe mandava, revista pelo arquitecto da Companhia, que sabemos

era o Padre Giovanni de Rosis<sup>19</sup>, e que além de estar mais bem feita do que a que ele enviara de Goa, e mesmo o edifício ser maior, não pode ser seguida, pois Giovanni de Rosis não tivera em conta nem o espaço disponível naquele local da cidade nem os ventos dominantes, questão muito importante naquela região do globo<sup>20</sup>. Alessandro Valignano tinha mandado um primeiro projecto para Roma, levado em mãos pelo Padre Nuno Rodrigues, em 1583<sup>21</sup>, mas na ida e na volta tinha-se perdido tempo demais.

Mas, as notícias acerca dos trabalhos da igreja do Bom Jesus são abundantes na documentação dos arquivos jesuíticos. No de Roma, há uma carta escrita pelo Padre Nicolau Pimenta, Visitador da Casa Professa, enviada para Roma e datada de Junho de 1597<sup>22</sup>. Nela se diz que na visita ficaram estabelecidas as seguintes ordens: *"...A fabrica da igreja se prosiga com toda a diligencia, porem sem desistir della se acabe de cercar a horta, e se forre o corredor alto de sima: e será o forro d'esteira, que, por ser o corredor alto e ficarem com isso cubertos os tirantes, e se poder fazer mais em breve e com menos gasto, parece mais a proposito.*

*O frontespicio da igreja seja polla traça que se assentou na consulta que tivemos em São Paulo, de que tem assento o Irmão mestre de obras, mudando somente que seja o frontespicio todo de pedra do norte, tirando os dois pilares dos cantos, que serão de pedra da terra pola correspondencia que fica tendo toda a obra da igreja em roda que nelles se remata. E o forro será de berço e a obra dos artezões e molduras a mais grossa que puder ser pera que avulte; e não se pintará de figuras, mas somente se dourará quanto abrangem as esmolas. Se contudo daqui até que se comesse a forrar se achar madeira tam comprida que baste pera sustentar forro desteira, deste modo se deve forrar e com a obra dos artezões assima dita, porque este foi na primeira consulta o mais aprovado, e o segundo por se desconfiar de achar a dita madeira..."*

A primeira e mais importante das conclusões é que não havia um plano de pormenor único e coerente, e mesmo os desenhos do tempo, como vimos em relação às plantas dos três andares, eram vagos, deixando margem aos mestres que intervinham, no local. A fachada só foi definida após o avanço dos muros laterais e o seu desenho, parece-nos claro, ficou a dever-se ao irmão Domingos Fernandes, aliás, denominado *traçador*, no *Catálogo dos residentes* do ano de 1594<sup>23</sup>. É claro que os responsáveis pela Companhia, em Goa, e o Visitador tinham a última palavra, mas não nos parece que qualquer deles, neste momento, fosse um verdadeiro tracista. Não é aceitável igualmente, e dadas as suas características formais, que o desenho da frontaria tivesse sido mandado de Roma, Lisboa ou Madrid. Outro dado interessante é que a pedra vinha de Taná, mais a norte, onde os jesuítas tinham uma residência, na qual estava Diogo Ferrão a comandar as pedreiras.

Pela carta anual de 1598, vê-se que andavam a prestar serviço permanente na obra do Bom Jesus cerca de setenta trabalhadores e que se tinha acabado de cobrir uma das capelas do cruzeiro, estando previsto para breve o fecho da abóbada da capela-mor. A madeira para o forro da nave tinha sido encomendada e a cobertura dos quartos do piso superior estava feita<sup>24</sup>.

O edifício de três pisos ficou com os corpos comunicantes em ângulo recto, em volta de um pátio, onde se incluíam as normais dependências de uma casa deste tipo. Sabemos que foi vítima de dois incêndios, um em 1663 e outro em 1781, mas as reconstruções parecem ter respeitado o essencial da traça quinhentista.

A igreja da Casa Professa foi começada em 24 de Novembro de 1594<sup>25</sup>, à custa dos legados do Capitão de Ormuz e Cochim D. Jerónimo de Mascarenhas, sendo sagrada por D. Frei Aleixo de Meneses, em Maio de 1605. Do início desta obra dá conta a carta anual enviada de Goa, em Novembro de 1595, pelo Padre Francisco Cabral que diz que a igreja que até então funcionava era precária e que a nova iria ficar com quarenta e quatro metros de comprimento por dezoito metros de largura, aproximadamente.

O novo edifício causava alguma estranheza na Europa, como antes dissemos, e o Padre Rudolfo Aquaviva, nas instruções para o Visitador da Índia Oriental, pedia que este visse o que se passava, pois eram muitas as reclamações que ouvira acerca do luxo excessivo da dita Casa Professa do Bom Jesus <sup>26</sup>.

A fachada ficou com três pisos bem marcados por cornijas, coroando-a um frontão quadrangular terminado por um corpo mais pequeno triangular, onde avulta um enorme emblema da Companhia de Jesus. A ligação aos corpos laterais, já que também são três no sentido horizontal, faz-se por aletas com segmentos de vieiras invertidas, mas com pouca profundidade. O piso térreo tem três grandes portas divididas pelas pilastras que se sobrepõem, a partir das cornijas corridas. O vão axial tem um portal de desenho erudito, muito semelhante ao do Colégio de São Paulo, com dupla coluna de fuste estriado sobre pedestal de cada lado e bem desenhado entablamento recto, uma clara influência de um desenho de Sebastião Serlio <sup>27</sup>. As portas laterais são mais simples, mas sobre o vão rectangular ficou um amplo espaço ocupado por uma cartela muito decorativa com as armas da Companhia. O segundo registo da fachada é também compartimentado pelo complexo sistema de pilastras, tendo sido dado grande desenvolvimento às molduras. Finalmente, no terceiro piso, há apenas óculos redondos englobados em campos de cantaria quadrangulares com excelentes enrolamentos de tradição maneirista flamenga. Dá um bom efeito a diferença entre a pedra aparelhada e o material mais modesto das paredes, o tijolo inicialmente revestido de argamassa e caiado de branco, como ainda se vê em fotografias do século passado.

A fachada lateral que fica livre possui três poderosos arcos botantes que seguram a estrutura pesada. É vincada por pilastras que acompanham no interior as janelas e a sua divisão em tramos. Nota-se a preocupação com a iluminação, que se faz por frestas no segundo registo e por óculos no superior. Um gradeamento de pedra coroa todo o topo das paredes, sendo de assinalar a pronunciada saliência da capela do transepto que denuncia a forma de cruz latina da igreja. Esta tem uma só nave e mede cerca de cinquenta e oito metros de comprimento por dezassete metros de largura, elevendo-se a cobertura do corpo a dezoito metros e meio. No transepto, abrem-se duas capelas: à esquerda a do Santíssimo Sacramento, e, à direita, a já referida de São Francisco Xavier. Lateralmente ao arco cruzeiro há dois altares de talha barroca: o de São Miguel e o de Nossa Senhora da Esperança. Logo após a entrada, e no flanco direito, fica o pequeno arco capella da invocação de Santo António e, em frente, outro dedicado a São Francisco Xavier. Ainda na nave, avulta um monumental púlpito em madeira entalhada e dourada. Não podemos deixar de discordar da ideia de Mário Tavares Chicó que aproxima esta igreja da do Espírito Santo de Évora <sup>28</sup>, pois aqui faltam as capelas laterais dos flancos, as varandas superiores comunicantes, os arcos-capelas laterais ao arco cruzeiro e o nartex coberto, já para não falar na questão das proporções. Se a algum outro templo o seu arquitecto foi colher a inspiração não foi ao eborense.

A capela-mor segue o mesmo tipo de estrutura da nave, com planta rectangular, mas com o eixo perpendicular pouco maior do que o transversal. O abobadamento tem a forma de um meio cânhão com cartelas.

O arco-cruzeiro é completamente revestido por talhas do primeiro barroco, onde se incluem os dois já referidos altares, além de cinco tábuas pintadas, na zona superior. O alçado interior do corpo é elegante, com janelas de tradição serliana, na zona baixa, de vão rectangular e frontão triangular, com varandas no segundo, com o corpo ligeiramente saliente, e os tais óculos redondos no andar superior.

A cobertura já não é a original e é suportada por uma estrutura de ferro fundido. Sobre a entrada, e ocupando os dois primeiros tramos, foi lançado um coro alto. Era a pintura do tecto da igreja que mais chamava a atenção, dedicando-lhe Jean-Baptiste Tavernier palavras elogiosas <sup>29</sup>. Já antes, o viajante e aventureiro francês François Pyard de Laval louvara a magnificência do templo, dizendo que era todo dourado por dentro, mas que ainda não estava acabado, trabalhando-se afincadamente com esse fim, o que ocorreu pouco depois, como veremos. Conserva-se num dos muitos manuscritos sobre Goa existentes na Biblioteca do Vaticano uma descrição pormenorizada das pinturas, mas que não é relevante para a questão da construção em que nos centramos agora <sup>30</sup>.

A capela de São Francisco Xavier, onde se expõe o seu sumptuoso túmulo, foi concluída em 1659, posto que tenha sido enriquecida nas épocas seguintes. Aqui está a magnífica caixa de prata feita por artistas goeses, onde repousa o cadáver do Apóstolo do Oriente, e o monumento em que esta assenta, oferecido pelo Grão-Duque da Toscana Cosimo III Medice e executado pelo escultor florentino Giovanni Battista Foggini, por volta de 1697, e montado, no local, por Plácido Francesco Ramponi, especialmente enviado à Índia para o efeito, onde chegou a 13 de Setembro do ano de 1698 <sup>31</sup>.

A estrutura desta capela é excepcional, pois abre-se para os quatro lados através de grandes portais; um para o transepto, outros dois para a zona da ante-sacristia e, finalmente outro para o claustro. Também há acesso à sua vista desde o alto, através de varandas, uma das quais fica junto à passagem para o coro. As paredes estão todas forradas com talha dourada, onde se incluíram quadros alusivos à vida de São Francisco Xavier, uns de origem italiana e outros fruto da mão de pintores locais.

Outra dependência importante pela sua valia arquitectónica e por ter grandes dimensões é a sacristia. Se é verdade que desconhecemos o nome do autor da traça, sabemos a cronologia da sua construção, bem como a quem se ficou a dever cada um dos seus ornamentos. A sacristia velha começou a ser destruída em 2 de Fevereiro de 1652, iniciando-se os alicerces da nova a 29 do mesmo mês <sup>32</sup>, fazendo-se tudo à custa de um cidadão de nome Baltasar Viegas. Em Janeiro do ano seguinte já se estava a fechada a abóbada.

Ao mesmo doador devem-se os arcázes grandes que, a 14 de Janeiro de 1659, data da sua morte, ainda não estavam concluídos, o que fez o Padre Gonçalo Martins. É nesta data que temos de colocar também a feitura dos grandes armários dos cálices e outras alfaias que ficam lateralmente ao arco de entrada da capelinha de topo da sacristia. As pinturas dos espaldares dos ditos arcázes foram mandados fazer em Cochim, por ordem do Padre Martins, com trezentos xerafins que para isso lhe deu D. Francisco de Lima.

A estrutura da sacristia é igual à de uma igreja, com cerca de vinte e cinco metros de comprimento e completamente abobadada. Possui uma capela no topo, de planta quadrangular e com um retábulo dedicado ao Calvário, onde avulta um impressionante Cristo Crucificado. O frontal é de azulejos de tapete de fabrico lisboeta, de meados do século XVII e foi composto com elementos retirados das ruínas da igreja dos agostinhos. Têm a mesma origem os outros da parede fundeira.

O corpo é marcado por pilastras da ordem toscana simplificada que definem o espaço para arcos capelas pouco profundos, cujas mais perto da porta são inutilizados, na sua parte baixa, pelos fantásticos arcázes. A abóbada é uma das mais belas de Goa, com um excelente trabalho de estuque que disfarça as linhas de força dos segmentos de calotes que constituem cada tramo; grandes óculos permitem a entrada abundante de luz.

Por estes mesmos anos das décadas de cinquenta e de sessenta, foram realizadas muitas obras importantes, segundo consta da *Lembrança de quando se começou a Sacristia Nova do Bom Jesus* que temos vindo a seguir. Foi o caso da ante-sacristia, da escada que daí parte para o andar superior, da Via Sacra e sobretudo da Capela de São Francisco Xavier. Foi uma vez mais o diligente Padre Gonçalo Martins quem dirigiu os trabalhos, mas não sabemos o nome do arquitecto. A transladação do corpo do Santo realizou-se a 24 de Abril de 1659, o que nos permite concluir que a obra estava acabada.

O pátio da Casa Professa é de uma monumentalidade raramente excedida e fruto de um desenho extremamente erudito. Tem dois andares, é todo de cantaria, de uma grande pureza de linhas dentro da ordem toscana. Um entablamento corrido separa os dois pisos, cujos vãos são ligados por pilares cruciformes, juntando-se uma elegante balaustrada ou parapeito. As naves são amplas, largas e altas e no andar de cima comunicam com a zona habitacional, dormitórios, etc.

A Casa Professa do Bom Jesus de Goa continuou a ter obras, quase continuamente, algumas que respeitaram o edifício inicial, outras que o obliteraram, mas pode reconstituir-se, no essencial, o que era, nos seus tempos áureos, os da conclusão da capela de São Francisco Xavier.

Se é verdade que os documentos de que nos socorremos estão já quase todos em letra de forma, não o é menos que parece terem passado despercebidos aos historiadores da arte, quer portugueses quer estrangeiros, pelo que tomámos a iniciativa de os lembrar, para atribuir tantas obras tidas por anónimas aos seus verdadeiros responsáveis.

\* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

<sup>1</sup> M. J. Gabriel de Saldanha, *História da Goa. Política e Arqueológica*, Nova Goa, 1925, vol. I, p. 46 e segs.; e *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente. Índia*, edição de António da Silva Rego, Lisboa, 1949-1958, vol. III, pp. 3-12.

<sup>2</sup> Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, Coimbra, 1915, tomo III, parte I, p. 762 e segs.

<sup>3</sup> M. J. Gabriel de Saldanha, *História da Goa. Política e Arqueológica*, p. 62.

<sup>4</sup> *Documenta Indica*, edição de Joseph Wicky, Roma/Lisboa, 1948-1988, vol. XIV, p. 123.

<sup>5</sup> M. J. Gabriel de Saldanha, *História da Goa. Política e Arqueológica*, vol. I, p. 62 e seg.

<sup>6</sup> Padre Francisco de Sousa, *Oriente Conquistado a Jesus Cristo pelos Padres da Companhia de Jesus da Província de Goa*, edição de Manuel Lopes de Almeida, Porto, 1978, Parte II, p. 128; Francisco Marques de Sousa Viterbo, *Diccionario Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou ao Serviço de Portugal*, Lisboa, 1899-1922, vol. I, p. 328.

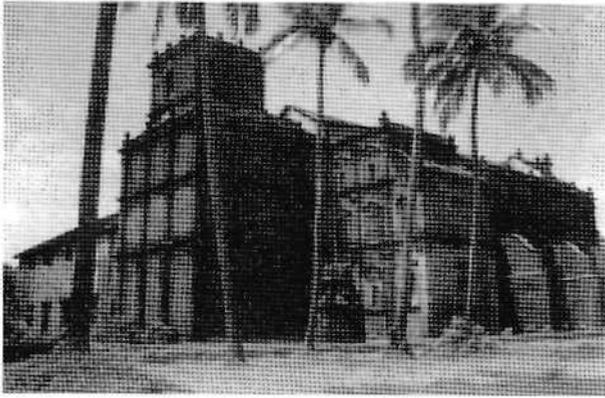
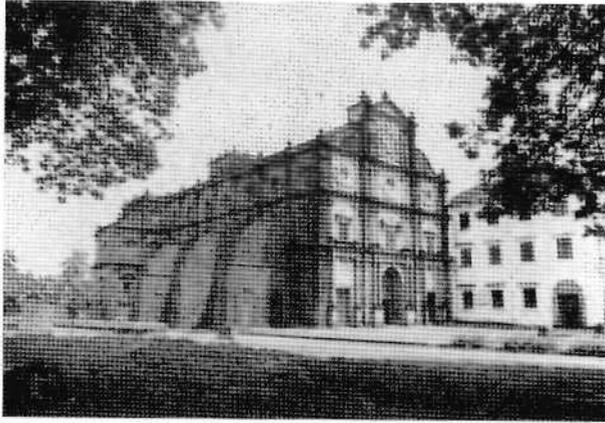
<sup>7</sup> AN/TT - Documentos Remetidos da Índia, Livro 22, fl. 78 vº.

<sup>8</sup> *Documenta Indica*, vol. XII, p. 13\*; vol. XIII, p. 608; vol. XIV, p. 903.

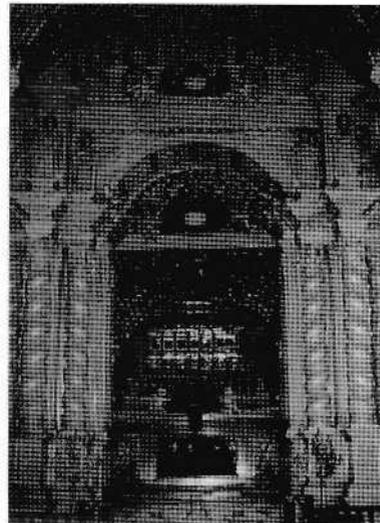
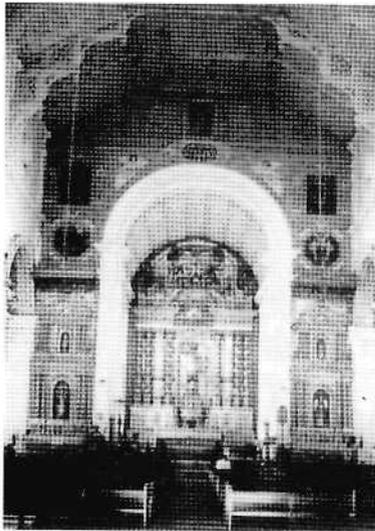
<sup>9</sup> *Documenta Indica*, vol. XV, p. 50.

<sup>10</sup> *Documenta Indica*, vol. XVI, p. 423; e vol. XVIII, p. 777.

- <sup>11</sup> *Documenta Indica*, vol. X, p. 20.
- <sup>12</sup> *Documenta Indica*, vol. X, p. 1001.
- <sup>13</sup> *Documenta Indica*, vol. X, p. 997.
- <sup>14</sup> *Documentação...*, vol. XII, p. 515.
- <sup>15</sup> *Documenta Indica*, vol. XIV, p. 206.
- <sup>16</sup> Biblioteca Nacional de Paris. Des. orig. Hd-4a, 100; Hd-4a, 99; Hd-4a, 98.
- <sup>17</sup> *Documenta Indica*, vol. XIV, pp. 293-294.
- <sup>18</sup> Francisco Marques de Sousa Viterbo, *Diccionario Historico e Documental*, vol. 1, pp. 154-157.
- <sup>19</sup> Pirri-Di Rosa, "Il P. Giovanni de Rosis (1538-1610) e il sviluppo dell'edilizia gesuitica", *Archivum Historicum Societatis Iesu*, Roma, 1974, nº 44.
- <sup>20</sup> *Documenta Indica*, vol. XIV, p. 705.
- <sup>21</sup> *Documenta Indica*, vol. XIII, p. 426.
- <sup>22</sup> *Documenta Indica*, vol. XVIII, pp. 808-810.
- <sup>23</sup> *Documenta Indica*, vol. XVI, p. 934.
- <sup>24</sup> *Documenta Indica*, vol. XVIII, p. 877.
- <sup>25</sup> *Documenta Indica*, vol. XVII, p. 367.
- <sup>26</sup> *Documenta Indica*, vol. XVII, p. 245.
- <sup>27</sup> Carlos de Azevedo, *Arte Cristã na Índia Portuguesa*, Lisboa, 1959, p. 33.
- <sup>28</sup> Mário Tavares Chicó, "Algumas observações acerca da arquitectura da Companhia de Jesus no Distrito de Goa", *Garcia de Orta*, nº especial, Lisboa, 1956, pp. 267-268.
- <sup>29</sup> Jean-Baptiste Tavernier, *Travels in India*, 2ª ed. de William Crooke, New Dehli, (1ª ed. 1676) 1977, vol. 1, p. 159.
- <sup>30</sup> Roma. Arquivo do Vaticano, Goa 35.1, Goana Historia, 1612-1624, Carta Anual de 1612-1624, 3ª via, fls. 549-549 vº.
- <sup>31</sup> Carlos de Azevedo, "Um artista italiano em Goa. Plácido Francesco Ramponi e o túmulo de S. Francisco Xavier", *Garcia de Orta*, número especial, Lisboa, 1956, pp. 277-317.
- <sup>32</sup> Panduronga Pissurlencar, "O Túmulo, o Caixão e o Bastão de S. Francisco Xavier", *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, Bastorá, 1935, p. 76 e segs.



1 - Bom Jesus de Goa. a) Frontaria da igreja. b) Corpo da capela-mor e exterior da Sacristia.



2 - Interior da igreja do Bom Jesus e capela de São Francisco Xavier.

